

Huillet / Straub, nom reconciliados

O cinema de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub mantém-se, ao nosso pesar, invisível, tam invisível como, na imprensa espanhola, o recente passamento de Danièle. Sirva esta coluna como homenagem à cineasta e como reivindicação do seu papel no binómio Huillet / Straub. As suas películas case sempre se mencionam como obras “de Straub” ou como muito “dos Straub”, ficando o nome de Huillet à sombra do do seu marido. Quiçá o próprio Straub tenha contribuído a esta situação, sendo el quem leva a voz cantante nas entrevistas, nas que sistematicamente fala em primeira pessoa singular. (Por outra banda, talvez seria mais arrogante e paternalista apropriar-se da voz da co-autora, falar por ela, inclui-la no seu “eu”, num “nós” a umha soa voz.)

Huillet tivo um papel importante já na primeira película da parelha, *Machorka-Muff* (1962), figurando nos créditos como “Ajudante”. A partir de entom, os créditos sinalam categoricamente, tras o título da obra, umha autoria conjunta: “von Danièle Huillet und Jean-Marie Straub”, nesta orde, por muito que em occasions, nas primeiras obras, apareza Straub como “director”. Haberá que esperar às novas películas do Straub viúvo para comprovar até que ponto a ausên-



Dominic Huillet.

cia de Huillet lhes poda afectar.

Huillet / Straub sempre reivindicárom o carácter político do seu cinema. E ainda que os contidos das suas películas nom sejam, as mais das vezes, explicitamente políticos, si están feitas desde umha militância e posicionamento claramente políticos. “Toda película é umha obra política desde o momento em que todo é político”, poderá-se argumentar acertadamente. O que fam Huillet / Straub é lembrar-nos deste feito e do feito de que, em consequência, nom existem películas neutras, movimentos de cámara inocentes, tex-

tos inócuos. (E aí temos o furibundo ataque de Straub ao cinema de Rossellini, por exemplo.)

Nicht versöhnt (“Nom reconciliados”, 1965) quiçá seja a película mais directamente política da parelha, já desde o subtítulo, tirado de Brecht: “Onde reina a violência, o único recurso é a violência”. Polo demais, Huillet / Straub adoitam chegar-se oblicuamente ao contido político, reinterpretando e actualizando textos (a Antígona de Sófocles, os textos de Gasquet sobre Cézanne, umha tragédia de Hölderlin, novelas inacabadas de Brecht e Kafka, a música de Bach

e Schönberg, prosas de Pavese, Fortini e Vittorini...) com um rigor formal intransigente. A tanxencialidade do achegamento político dos cineastas fica esplendidamente ilustrada na sua derradeira obra, *Europa 2005* (2006) (podemos vela na Rede em YouTube), que consiste em duas únicas panorámicas, repetidas quatro vezes, sobre um transformador eléctrico. Como único comentário, duas frases impresas sobre a image: “Cámara de gas. Cadeira eléctrica”. É o subtítulo da película (“27 outubro”) o que nos remite aos feitos que se agacham tras umhas images aparentemente neutras: a morte de dous moços que, perseguidos pola polícia, se refugiaram neste transformador de Clichy-sous-Bois, acontecimento que provocou as conhecidas revoltas populares nos arrabaldes franceses.

Que pode ter de político a *Chronik der Anna Magdalena Bach*? perguntava-se um perplexo Godard. Com Huillet / Straub aprendimos a actualizar os textos, a ler entre linhas, a entender o peso das relações sociais na música de Bach. Por se nom abundasse, Huillet / Straub preocuparam-se de dedicar a película ao Vietcong. Outra dedicatória, mais conflitiva para a intelectualidade bem-pensante europeia, foi a de *Moses und Aron* (1975) “para Holger Meins” da

Rote Armee Fraktion, morto na cadeia após umha folga de fame. Este simples gesto serviu, umha vez mais, para possibilitar umha leitura actualizada e política da ópera do “anti-comunista” Schönberg.

Co galho do prémio especial que este ano o Festival de Veneçia lhes concedeu a Huillet / Straub, aproveitando a estrea de *Quei loro incontri*. (2006), Straub, estando Huillet enferma, enviou umhas declarações que provocaram certo escândalo na imprensa italiana e que no resto de Europa passaram completamente desapercibidas (a melhor das censuras é o nom reconhecimento do feito). Nelas, o cineasta, após afirmar que nom espera nada do prémio, a nom ser umha “pequena venganza contra as intrigas da corte”, justifica assi a sua ausência da cerimónia: “Nom poderia estar festivo num festival onde hai tanta polícia pública e privada buscando terroristas: eu som o terrorista, e digo-vos, parafraseando Franco Fortini: entanto exista o capitalismo imperialista americano, nunca haberá suficientes terroristas no mundo.” Todo isto acontecia em Setembro, no aniversário do ataque ao World Trade Center. ♦

atoupeira@yahoo.com